

Dialeto pajubá: valoração e alteridade a partir da Análise Dialógica do Discurso

Letícia Garcia Silva¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Gabriele Valim Vargas²

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, RS, Brasil

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Karina Giacomelli³

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: O presente trabalho pretende compreender, por meio da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e a partir de enunciados-comentários em uma situação concreta de interação verbal, como é atribuído valor ao dialeto pajubá por alguns interlocutores. Nesse viés, busca-se examinar esses enunciados em resposta a um *post* em formato de vídeo sobre o dialeto pajubá presente na plataforma de rede social *Facebook*, mais precisamente no perfil *Quebrando o Tabu*. Para isso, utilizam-se conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin, com ênfase nas noções de alteridade e valoração. Nessa perspectiva, o percurso analítico permitiu refletir como uma situação concreta de interação verbal é capaz de revelar a posição ideológica e sócio-histórica ocupada pelo enunciador, podendo se configurar até mesmo como discurso intolerante a partir de suas escolhas lexicais.

Palavras-chave: Valoração; Alteridade; Bakhtin; Análise Dialógica do Discurso; Dialeto pajubá.

Title: Pajubá Dialect: Valuation and Otherness from Dialogical Discourse Analysis

Abstract: This work, through Dialogical Discourse Analysis (DDA), seeks to understand how value is attributed to the Pajubá dialect by some locutors based on utterances and comments in a concrete situation of verbal interaction. In this context, we examine these utterances in response to a video post about the Pajubá dialect on the social networking platform Facebook, specifically on the “Breaking Taboo” profile. To this end, we utilize theoretical concepts from the Bakhtin Circle, with an emphasis on the notions of Otherness and Valuation. Thus, the analysis allowed us to reflect on how a concrete situation of verbal interaction can reveal the ideological and sociohistorical position held by the speaker and can even be configured as intolerant discourse based on their lexical choices.

Keywords: Valuation; Otherness; Bakhtin; Dialogical Discourse Analysis; Pajubá Dialect.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Letras pela mesma universidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1119-1530>. E-mail: prof.leticiagarc@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Letras pela mesma universidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5431-7420>. E-mail: gabrielevargas7@gmail.com.

³ Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2883-8641>. E-mail: karina.giacomelli@gmail.com.

Introdução

O dialeto pajubá, com suas raízes afro-brasileiras, é utilizado entre a comunidade LGBTQIAPN+, indo além da mera comunicação. Esse dialeto representa a construção de identidades *queer* e simboliza empoderamento e resistência, uma vez que surge da necessidade de se proteger em espaços em que há homofobia e transfobia.

Nesse sentido, ele foi utilizado entre travestis durante a ditadura militar, tendo ganhado seu primeiro documento oficial em 1992: o dicionário intitulado *Diálogo de Bonecas*, organizado por Jovana Cardoso da Silva (Jovana Baby). Assim, o pajubá se configura como um dialeto com base em várias línguas africanas, afro-brasileiras e afro-religiosas, sendo, portanto, resultante da assimilação de africanismos de uso corrente, que, por conseguinte, resultaram em palavras incompreensíveis para quem não tem tais referências. Por esse motivo, as palavras do pajubá são utilizadas como código entre a população das mulheres transexuais e travestis brasileiras e também pela comunidade LGBTQIAPN+ em geral.

Nessa perspectiva, por meio da Análise Dialógica do Discurso (ADD), objetiva-se compreender, partindo de enunciados-comentários em uma situação concreta de interação verbal, como é atribuído valor ao dialeto pajubá. Para tanto, embasando a análise, serão considerados os postulados teóricos do Círculo de Bakhtin e seus comentadores no Brasil. Sob esse viés, serão usados, principalmente, mas não apenas, conceitos ligados às noções de alteridade e valoração. Assim, este trabalho tem como *corpus* enunciados-comentários que são respostas ao *post* sobre o glossário pajubá extraído da plataforma⁴ de rede social *Facebook*, mais precisamente na página *Quebrando o tabu*.

Vale ressaltar que o Círculo de Bakhtin não elaborou uma metodologia de análise estanque, mas estabeleceu uma “ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua” (Volóchinov, 2017, p. 220). Diante disso, a partir da ordem mencionada, os enunciados-comentários respostas ao *post* serão analisados por meio do parâmetro analítico *descrição-análise-interpretação*, elaborado por Sobral (2009).

Assim sendo, na seção *Percurso teórico: alteridade e valoração* será apresentado o caminho teórico percorrido para efetivar a análise, priorizando tais noções e elucidando como esses mecanismos da teoria se aplicam para examinar os enunciados-comentários que são respostas ao *post*. Vale lembrar que, como a teoria do Círculo não é compartimentalizada, outros conceitos se farão presentes, visto que estão interligados a esses dois princípios teóricos. A seguir, há um tópico destinado às pesquisas concernentes ao dialeto pajubá e às identidades *queer*, assunto abordado no presente artigo. Posteriormente, na seção *Análise e discussão*, serão examinados enunciados que são

⁴ Opta-se pelo uso do termo *plataforma* por compreender, conforme Recuero (2019), que o advento dos aplicativos e das ferramentas móveis introduz uma mudança significativa: não se trata apenas de ambientes construídos na Web, mas de sistemas mais complexos, marcados por características como o imediatismo e a ubiquidade. Nessa mesma direção, D’Andréa (2020) inclui o *Facebook* entre as “plataformas online”, destacando que seu funcionamento se baseia na produção e no intercâmbio de dados, nas lógicas de engajamento e nos mecanismos de regulação das práticas dos usuários.

comentários-respostas ao *post* acerca do dialeto pajubá. Tal *post* está presente na plataforma de rede social *Facebook* e terá seus enunciados-comentários examinados a partir da ordem metodológica proposta pelo Círculo de Bakhtin e dos parâmetros analíticos elaborados por Sobral (2009). Por último, serão apresentadas as considerações finais.

Percurso teórico: alteridade e valoração

Para iniciar o percurso teórico, faz-se necessário buscar um recorte bibliográfico das obras do Círculo de Bakhtin, bem como de estudiosos da ADD, que possibilite a análise. Como exposto inicialmente, outras noções do Círculo se farão presentes; entretanto, serão priorizadas, para a análise, a alteridade e a valoração.

Dessa maneira, considera-se relevante, antes de se dedicar ao estudo e apresentação desses conceitos essenciais para a análise, expor uma perspectiva geral e abreviada a respeito do que são as relações dialógicas e a linguagem. As relações dialógicas são “um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (Bakhtin, 1997b, p. LVI).

Visto isso, observa-se que são “relações (de sentido) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva”. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido, acabam em relação dialógica” (Bakhtin, 2016, p. 92). Assim, entende-se que, segundo a teoria bakhtiniana, a linguagem não é apenas uma maneira de transmitir informações, mas de criar sentido por meio da interação entre os enunciados. Logo, as relações dialógicas são essenciais para entender como a linguagem funciona e como as pessoas se comunicam, o que se torna importante ressaltar, dado o assunto abordado neste artigo.

No que se refere à alteridade, esta é a constituição do indivíduo a partir do outro, visto que é por meio da palavra do outro que ele se altera constantemente. Segundo Vargas e Giacomelli (2024, p. 358), é “no seu relacionamento com o(s) seu(s) outro(s) que o indivíduo tem sua realização social, sendo, assim, constituído por esse(s) outro(s) que o rodeiam, especialmente, por meio da linguagem”. Assim, o indivíduo é formado pelas suas interações com os outros, mas isso não significa que ele perca a sua singularidade. Pelo contrário, a alteridade e a interdependência são fundamentais para a formação da identidade individual, já que “é na medida em que tenho direito de participar do mundo da alteridade que sou passivamente ativo nele” (Bakhtin, 1997a, p. 150).

Nesse sentido, conforme Volóchinov (2017, p. 208-233), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa”, pois “sem uma ênfase valorativa não há palavra” e, por consequência, “Não há enunciado sem avaliação. Antes de tudo, todo enunciado é uma orientação avaliativa. Desse modo, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, como também avalia” (Volóchinov, 2017, p. 236). Isso indica que a linguagem não é apenas uma estrutura objetiva de significação sistêmica das palavras, uma vez que ela envolve a questão da valoração.

Conforme Brait, as ideias bakhtinianas sobre a concepção de sujeito, que ocorrem por meio das interações dialógicas com outros indivíduos “reais, imaginários, personificados, definidos ou indefinidos”, são moldadas dentro de um contexto sócio-histórico, posto no “[...] diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (Brait, 1998, p. 98). A linguagem posta na alteridade é considerada um reflexo da história, cultura, normas sociais e políticas, que envolvem indivíduos e diálogos nesse contexto. Assim, a análise de enunciados-comentários de um *post* em uma plataforma de rede social, por exemplo, ocorre por meio dos valores adquiridos pela interação com o outro, sendo percebida pelas internalizações dos discursos compartilhados e replicada pelo envolvimento com o *post*.

Tal procedimento é fundamentalmente social; por isso, busca-se constantemente interagir com o outro, visto que desde o nascimento não se tem total domínio sobre a própria individualidade. Ainda que o sujeito expresse sua opinião sobre um assunto específico, ele busca em diversas perspectivas algo de que pode concordar ou discordar para então formular a sua avaliação. Dessa forma, o desenvolvimento de seu ponto de vista se dá por meio de relações dialógicas e valorativas com outros indivíduos, ideias e pontos de vista.

Sob esse viés, estar diante do outro e de sua palavra implica na impossibilidade de vê-lo apenas como objeto desprovido de sentidos, pois isso resultaria em apenas um sujeito contemplador. Assim, o ato de estar diante do outro vai além de apenas escutar mecanicamente, pois essa escuta possui poder de expressão, influenciando o sujeito a participar ativamente do processo de compreensão, mesmo sem uma resposta direta. Cada um pode agir e pensar como se estivesse fora de si, mas é impossível ignorar a participação do outro na formação de pensamentos e ações.

Nesse sentido, formam-se as noções de atitude responsiva/responsável fundamentadas nas definições bakhtinianas. Isso implica que a consciência subjetiva não seja centrada em si mesma nem considerada como uma verdade universal. Desse modo, ao adotar uma postura responsiva, o indivíduo se posiciona em relação ao objeto em questão ao proferir algo sobre ele, seja imaginário, concreto, artístico etc.. Além disso, é responsável pela construção de suas respostas aos elementos comunicativos, experienciando e interpretando seu contexto social e sua posição em relação ao mundo. Assim, ele reflete teoricamente e age eticamente, inserindo sua autoria nas interações e alterando o mundo à sua volta como um sujeito discursivo.

Ademais, deve-se levar em conta que, para Bakhtin, “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (2016, p. 57). Assim, “todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados, ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta” (Bakhtin, 2016, p. 57). Dessa forma, a importância atribuída à construção do indivíduo discursivo a partir dos objetos se redefine como uma maneira de encontrar a diversidade de vozes que o compõem. Sob essa perspectiva dialógica, compreende-se que o discurso é um espaço de disputa e resistência. Assim, práticas linguísticas como o uso do dialeto pajubá

configuram-se como elos dessa cadeia discursiva, ao mesmo tempo em que respondem a discursos hegemônicos que, historicamente, marginalizam identidades não normativas.

Dialeto pajubá e as identidades queer

O pajubá, também conhecido como “bajubá, linguagem gay, linguagem homossexual, linguagem própria, bixês ou apenas gíria” (Andrade *et al.*, 2018, p. 2), tem sua origem visando “à fusão de palavras provenientes da língua portuguesa com palavras extraídas dos grupos étnico-linguísticos oriundos da África Ocidental que foram trazidos ao Brasil para serem escravizados” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 8).

Esse dialeto é uma forma de expressão que valoriza a criatividade, a ironia e a resistência e é frequentemente usado para se comunicar de forma codificada ou para expressar identidades e experiências específicas. Assim, tal dialeto

[...] cria uma noção de cultura e identidade de grupo, o qual pode ser compreendido como proteção por meio do alento das religiões de matriz africana e afrobrasileiras, consideradas uma das poucas que incluem e abrigam pessoas trans e travestis sem ajuizamentos morais ou preconceitos. Também é aceita como um movimento de afirmação identitária entre coletivos que são permanente e covardemente marginalizados e violentados por uma parte da sociedade que não aceita o grupo (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 8).

Referentemente à sigla LGBTQIAPN+, ainda conforme Rodrigues e Andrade (2023, p. 8-9), vale ressaltar que são muitas as siglas assumidas pelo movimento. Os autores explicam que, na década de 1980, utilizava-se *GLS*, referência aos gays, às lésbicas e aos simpatizantes. Já nos anos 90, passou a ser *GLBT*, com a inclusão de bissexuais e pessoas trans. Posteriormente, mais precisamente a partir dos anos 2000, essa sigla foi vista como ultrapassada pelo fato de excluir outras identidades. “A partir daí, outras letras foram sendo inseridas, dando visibilidade a outras identidades, como, por exemplo, LGBTQ adicionando a letra Q para aqueles que se identificam como queer” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 9).

Este é um termo mais recente e ainda em discussão, mas, de acordo com a Teoria *Queer*, apresentada por Judith Butler (2003), trata de pessoas fluidas, ou seja, que não se identificam com o feminino ou masculino e transitam entre os “gêneros”. Elas também podem não concordar com os rótulos socialmente impostos. Dessa maneira, o termo pode englobar minorias sexuais e de gênero que não são heterossexuais (pessoas que se relacionam com outra do gênero oposto) ou cisgênero (pessoas que se identificam com o gênero biológico).

Nessa perspectiva, o pajubá tem uma relação profunda com as identidades queer, especialmente no contexto brasileiro. Levando em consideração que o dialeto em questão é uma forma de resistência e subversão às normas linguísticas e culturais dominantes, ao criar uma linguagem própria, as pessoas *queer* podem se expressar de forma autônoma e desafiar as expectativas sociais. Portanto, entende-se que o pajubá é uma forma de comunicação que

cria um senso de comunidade e pertencimento entre as pessoas *queer*, pois, ao compartilhar uma linguagem comum, estas podem se sentir conectadas e apoiadas.

Concernente à identidade e expressão, o pajubá é uma forma de expressão que permite às pessoas *queer* afirmar suas identidades e experiências de forma autêntica. Ao criar uma linguagem que reflete suas próprias experiências e perspectivas, os sujeitos *queer* podem se sentir mais visíveis e empoderados. Para mais, historicamente, essa minoria tem enfrentado discriminação e violência. Desse modo, o dialeto pode ser visto como uma forma de sobrevivência e resiliência, permitindo que as pessoas *queer* se comuniquem e se apoiem mutuamente em um contexto hostil. Quanto à questão religiosa, no contexto do candomblé e da umbanda, o pajubá também é uma forma de preservar a cultura e a espiritualidade afro-brasileira, fundamental para muitas pessoas *queer* as quais se identificam com essas tradições.

No entanto, vale enfatizar que o pajubá também enfrenta desafios e tensões, especialmente em relação à homofobia e ao racismo. Muitas pessoas *queer* que usam o pajubá enfrentam discriminação e violência, e esse dialeto pode ser visto por essa comunidade como uma forma de “falar em código” para evitar a perseguição; porém, pelos demais não pertencentes, pode ser observado com estereótipos, avaliado como uma linguagem “afetada” ou “exagerada”. É importante notar que o pajubá é uma forma de expressão que pertence à comunidade *queer*, com limites e significados. A apropriação cultural e o preconceito, bem como o desrespeito, podem ser prejudiciais e dolorosos para as pessoas que utilizam o pajubá como forma de expressão e identidade. Assim sendo, essas questões serão retomadas e observadas durante a análise e discussão no tópico a seguir.

Análise e discussão

Esta análise considera a “ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua” (Volóchinov, 2017, p. 220), bem como os parâmetros metodológicos caracterizados como “descrição-análise-interpretação” (Sobral, 2009). As obras do Círculo não estabelecem um conjunto estanque de procedimentos para tratar o discurso, porém oferecem princípios e orientações para essa abordagem metodológica, como apresentado no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), mais precisamente no capítulo *A interação discursiva*.

Considerando isso, as proposições metodológicas no *corpus* examinado abrangem os três focos de estudo citados: relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua. Esses parâmetros, aliados à teoria do Círculo, orientaram procedimentos reunidos em descrição, análise e interpretação, como etapas práticas após os desdobramentos dos focos de estudo.

Nesse viés, busca-se examinar os enunciados-comentários em resposta a um *post* sobre o dialeto pajubá utilizando conceitos teóricos discursivos do Círculo de Bakhtin, com ênfase em alteridade e valoração. Cabe destacar que os enunciados-comentários selecionados foram produzidos em um contexto marcado por discursos polarizados e

intolerantes, mas, ao mesmo tempo, em um contexto social e histórico que encontra espaço para a liberdade de expressão de gênero e orientação sexual.

O *corpus* selecionado para a análise é constituído por um *post* da página *Quebrando o tabu* na plataforma de rede social *Facebook*. Entendendo que a página tem um público expressivo composto por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, bem como de pessoas não conservadoras, a postagem escolhida sobre o dialeto pajubá obteve mais de quinze mil curtidas e mil e quinhentos comentários.

Na seleção de comentários, foram buscadas situações concretas de interação verbal que apresentassem o item lexical cultura/cultural, uma vez que o dialeto pajubá faz parte da cultura da comunidade LGBTQIAPN+ e se configura, como já mencionado nesta pesquisa, por uma forma de empoderamento e proteção da comunidade, visto que é utilizado como código em espaços heteronormativos e LGBTfóbicos.

Figura 1 – *Post* retirado da conta da página *Quebrando o Tabu* na plataforma de rede social *Facebook*



Fonte: captura de tela do vídeo publicado na página *Quebrando o tabu* da plataforma de rede social *Facebook*⁵.

A Figura 1, acima, trata-se de um *post* em forma de vídeo publicado no dia quatro de maio de dois mil e vinte e dois, intitulado *GLOSSário Pajubá*, escrito dessa forma na intenção de chamar a atenção para um dos itens apreciados pela comunidade, o *gloss* (do inglês, brilho). No vídeo, há a presença de duas mulheres trans, Alícia Pietá e Verônica Valenttino, (@aliciapieta e @valenttino – suas arrobas do *Instagram*, disponibilizados na legenda pela

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/gloss%C3%A1rio-pajub%C3%A1/993294804891198/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

página que publicou o vídeo). No vídeo, de 1min e 4s, elas aparecem em diferentes locais, e, enquanto uma fala as palavras do dialeto, a outra as traduz em palavras ou em gestos.

Assim, a postagem teve um número considerável de comentários (em torno de 1.500), além de mais de 15 mil *likes* (curtidas e reações) e 350 mil visualizações. Por esse motivo, foi necessário fazer um recorte para possibilitar a análise.

Figura 2 – Enunciado-comentário resposta ao *post* retirado da conta da página *Quebrando o Tabu* na plataforma de rede social *Facebook*



Fonte: captura de tela de um comentário-resposta ao vídeo da página *Quebrando o tabu* na plataforma de rede social *Facebook*⁶.

A Figura 2 se constitui como um enunciado-comentário resposta ao *post* intitulado *GLOSSário Pajubá* (Figura 1). A pessoa que produziu este enunciado-comentário é uma mulher cisgênero e conservadora, com base em seu perfil aberto na plataforma e em sua orientação ideológica. A enunciadora produz o discurso “Quanta idiotice! Um grau elevado de cultura” acompanhado da *hashtag* “inútil” e de emojis que indicam êmese. O enunciado-comentário alcançou sete reações, sendo duas curtidas e três risadas; além disso, obteve quinze respostas até o momento desta análise.

Nota-se que esse enunciado parte de uma situação concreta de interação verbal na qual há um confronto de ideias, uma vez que a enunciadora produz o discurso “Quanta idiotice!”, mas prossegue com “Um grau elevado”, o que, normalmente, é observado como algo positivo, seguido por “de cultura” e “inútil”. Nesse confronto de ideias, a enunciadora se refere ao dialeto pajubá como algo sem importância, revelando sua ideologia, isto é, seu ponto de vista.

Assim sendo, a expressão “Quanta idiotice!” pode ser vista como uma forma de linguagem emotiva e avaliativa, que reflete a opinião do falante não somente sobre o dialeto pajubá, mas sobre o vídeo na sua totalidade. Para mais, ressalta-se que foi escolhido o item lexical *cultura*. Nesse viés, no enunciado-comentário produzido, a enunciadora atribui sentido a essa palavra, ao mencionar que o pajubá é uma *cultura* “inútil”, mas não apenas isso; há um reforço dessa ideia quando, antes, é enunciado “um grau elevado” – desse modo, o advérbio “elevado” é usado para intensificar o grau de “cultura inútil”, o que sugere que o falante considera o pajubá como algo extremamente inútil.

A opinião do falante pode refletir uma visão, ou melhor, uma valoração dominante ou hegemônica sobre o que é considerado “útil” ou “valioso” em termos de cultura e

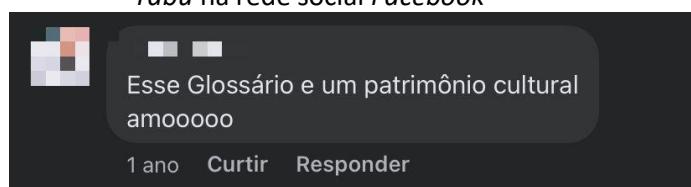
⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/gloss%C3%A1rio-pajub%C3%A1/993294804891198/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

linguagem, que revela sua posição axiológica diante do dialeto pajubá, o qual, na verdade, significa cultura, empoderamento e proteção para a comunidade LGBTQIAPN+.

Ademais, o enunciado-comentário evidencia a posição social e valorativa assumida pela enunciativa. Ao elaborar sua resposta, ela produz uma atitude responsiva, construída a partir de sua vivência e de sua visão de mundo. Nessa resposta, observa-se a atuação de valores socialmente compartilhados, que orientam a compreensão do sujeito sobre o mundo e sustentam, nesse caso, uma relação assimétrica entre os interlocutores, marcada pela desvalorização da cultura do “outro”.

Além disso, é responsável por elaborar suas respostas às interações comunicativas, vivenciando e compreendendo seu ambiente social e sua visão do mundo, gerando, nesse caso, uma constituição negativa entre indivíduos, a qual inferioriza a cultura do “outro”.

Figura 3 – Enunciado-comentário resposta ao *post* retirado da conta da página *Quebrando o Tabu* na rede social *Facebook*



Fonte: captura de tela de um comentário-resposta ao vídeo da página *Quebrando o tabu* na plataforma de rede social *Facebook*⁷

A Figura 3 também se constitui como um enunciado-comentário resposta ao *post* (Figura 1) intitulado *GLOSSÁRIO Pajubá*. Este enunciado-comentário foi produzido por um homem cisgênero, provavelmente, simpatizante da causa LGBTQIAPN+, considerando o seu discurso. O enunciador produz o enunciado “Esse Glossário é um patrimônio cultural amooooo”. O enunciado em questão não obteve curtida ou reação, recebendo quatro respostas até o momento desta análise.

O enunciador, a partir de sua avaliação, atribui sentido ao glossário pajubá presente no *post*, revelando sua ideologia, isto é, seu ponto de vista. Esse discurso entra em contraste com o anterior, possuindo, aqui, uma constituição positiva e de concordância entre sujeitos, ou seja, entre o vídeo, a página, os atores e o enunciador exposto na Figura 3.

Dessa maneira, percebe-se que foi utilizado o item lexical “cultural”. Assim, o enunciador atribui sentido à palavra “cultural” ao mencionar que o pajubá é um “patrimônio cultural” e que ele ama tal dialeto. A expressão “patrimônio cultural” sugere que o falante considera o glossário pajubá como algo valioso e importante, digno de ser preservado e respeitado. O uso dessa expressão também pode sugerir que o falante se identifica com a cultura e a comunidade que utiliza o pajubá e vê o Glossário como uma parte importante dessa identidade. O uso de “amooooo”, a seguir, sugere um tom emocional positivo e entusiasta, indicando que o falante tem uma relação afetiva forte com o glossário pajubá.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/videos/gloss%C3%A1rio-pajub%C3%A1/993294804891198/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

Esse enunciado, então, revela sua posição axiológica diante do pajubá que contém um sentido positivo para a comunidade LGBTQIAPN+. O fato de o falante estar celebrando o glossário de pajubá pode ser visto como uma forma de resistência e empoderamento, especialmente em um contexto em que a cultura e a linguagem *queer* podem ser marginalizadas ou estigmatizadas.

Nessa perspectiva, com base em enunciados, é possível verificar a avaliação/valor que cada enunciatador atribui ao dialeto pajubá. Ademais, o modo como é enunciado e as escolhas lexicais produzidas são capazes de revelar a posição ideológica de um sujeito diante de outro e a posição que ele ocupa no mundo. Portanto, tendo em conta o que foi exposto, acredita-se que trabalhos como este são significativos, uma vez que contribuem para que mais pesquisas como esta sejam produzidas, bem como para repensar novas formas de enunciar, a partir de uma posição responsável e responsiva.

Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender, por meio de enunciados-comentários em uma situação concreta de interação verbal, como é atribuído valor ao dialeto pajubá. Assim, foi proposto um percurso teórico e um percurso analítico. Foram considerados os postulados teóricos do Círculo de Bakhtin e de alguns de seus comentadores no Brasil, considerando-se a “ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua” (Volóchinov, 2017, p. 220), bem como os passos analíticos caracterizados como “descrição-análise-interpretação” elaborados por Sobral (2009). Nesse sentido, o percurso teórico permitiu, a partir dos conceitos de alteridade e de valoração, a análise de uma situação concreta de interação verbal. A referida análise possibilitou refletir sobre como uma situação concreta de interação verbal revela a posição ideológica e sócio-histórica ocupada pelo enunciatador, podendo se configurar até mesmo como discurso intolerante a partir de suas escolhas lexicais. Sendo assim, entende-se que a investigação produzida aqui pode contribuir para análises bakhtinianas acerca da situação concreta de interação verbal, colaborando para tais estudos, bem como trazendo outra ótica sobre enunciados-comentários como estes analisados aqui.

Por fim, a reflexão crítica sobre a configuração de uma sociedade patriarcal e heteronormativa, bem como sobre os danos que ela causa, principalmente às minorias sociais, torna-se possível por meio da análise de discursos que permeiam o cotidiano, como enunciados-comentários em resposta a postagens, por exemplo. Entende-se, portanto, que, ao questionar esse sistema, tendo análises desse tipo como ponto de partida, contribui-se para que se encontre espaço para analisá-los, principalmente a partir de enunciados presentes em plataformas de redes sociais.

Referências

- ANDRADE, Karylleila dos Santos; GONÇALVES, Sheila de Carvalho P.; PORTO, Filipe; ANDRADE, Luciana C. e Silva. *Bajubá: linguagem de grupo LGBTT como representação sócio-histórica e cultural*. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins, v. 5, n. 4, p. 37-4, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.23593652201854p36>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5744>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- BABY, Jovana. *Diálogo de Bonecas*. Rio de Janeiro: ASTRAL, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra e Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b [1929].
- BRAIT, Beth. Sujeito e Linguagem: a Constitutiva Alteridade. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 35, p. 1-17, 1998. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v35i0.8637130>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637130>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- D'ANDRÉA, C. *Pesquisando plataformas online: conceitos e método*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- QUEBRANDO O TABU. Você lembra desse vídeo? [...]. São Paulo, 04 mai. 2022. Facebook: quebrandootabu. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=993294804891198>. Acesso em: 08 mar. 2024.
- RECUERO, R. Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? *Medium*, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: 08 mar. 2024.
- RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires; ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*. São Carlos: Editora Scienza, 2023.
- SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- VARGAS, Gabriele Valim; GIACOMELLI, Karina. #Etarismo (feminino): alteridade e outrização na plataforma online Instagram. *Revista Linguagem em Foco*, v. 16, n. 3, p. 355-375, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46230/lef.v16i3.13686>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13686>. Acesso em: 08 mar. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 15/07/2025.

Aceito em: 17/09/2025.